



5681 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)  
 GT22 - Educação Ambiental

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E SABERES SOCIOAMBIENTAIS COMUNITÁRIOS DE UM ASSENTAMENTO RURAL  
 Edilene Machado dos Santos - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

### **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E SABERES SOCIOAMBIENTAIS COMUNITÁRIOS DE UM ASSENTAMENTO RURAL**

#### **INTRODUÇÃO**

Essa pesquisa aborda e problematiza o potencial político e pedagógico dos saberes ambientais produzidos com as práticas pedagógicas e coletivas que acontecem num

assentamento do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), criado em 2003, em resposta a mobilização, participação, organização e luta popular pelo direito à terra, moradia e agricultura familiar, incluindo famílias integrantes do Movimento Sem Terra (MST).

Atualmente residem nessa localidade 31 famílias em uma área que corresponde a aproximadamente 300 hectares. Os assentados são pessoas receptivas e acolhedoras, o que de certo modo foi um fator que facilitou nosso convívio com a vida cotidiana do assentamento e de suas relações e práticas coletivas. —

Em 2015 o nosso grupo, composto por jovens ecologistas (REIGOTA, 1999) do mesmo município onde está situado o assentamento, foi convidado para participar da organização, em conjunto com os assentados, de práticas pedagógicas e culturais que estivessem articuladas e imbricadas com a realidade concreta (FREIRE, 2017) vivida

O grupo de ecologistas sugeriu uma mostra cineclubista, como forma de estreitar as relações comunitárias solidárias e o diálogo amoroso (FREIRE, 2014). Com os encontros e rodas de conversas surgiu um cineclube local com filmes, documentários e animações exibidas e relacionadas com as problemáticas ecológicas locais. Após as exibições as famílias, crianças, jovens e adultos se reuniam em rodas de conversas, solidárias e com diálogos amorosos (FREIRE, 2014) encharcados de narrativas e saberes políticos, pedagógicos e ecológicos.

Com esses encontros e diálogos de saberes surgiu outro projeto voltado para o incentivo à leitura, com práticas pedagógicas e de educação ambiental, destinado para as crianças e adolescentes deste assentamento.

#### **APROXIMAÇÕES METODOLÓGICAS**

Os percursos teóricos e metodológicos se constituíram no decorrer da pesquisa e das práticas pedagógicas realizadas no assentamento rural. Dialogamos com as metodologias de pesquisa nos/dos/com os cotidianos (ALVES, 2003), com aproximações da pesquisa cartográfica (BARROS; KASTRUP, 2012) e das pesquisas narrativas, com suas potencialidades políticas, pedagógicas e ecológicas (REIGOTA, 1999), tendo em vista as influências do pensamento freireano, que nos ensinou a pensarmos e praticarmos os processos educativos e a “educação como prática da liberdade” (FREIRE, 1980).

Por isso, assumimos o compromisso de atuar como pesquisadora conversadora no cotidiano (SPINK, 2008), a fim de conhecermos os micro-lugares e dialogarmos com os fragmentos da realidade presentes nas conversas, encontros, eventos, acontecimentos, experiências vivenciadas e das narrativas que ocorreram de forma espontânea nos diversos espaços que fizeram parte do território pesquisado.

Com relação aos procedimentos metodológicos de produção de dados utilizamos diário de campo, narrativas, fotografias e diálogos amorosos (FREIRE, 2014) com as famílias assentadas, realização de práticas pedagógicas e oficinas de cunho ambiental, produção de vídeo, mostra cultural, sessões cineclubistas, rodas de conversas e passeio ecológico.

As narrativas dos sujeitos que vem das margens (REIGOTA, 2010), nos indicam histórias de resistências, de conflitos, o sentimento de pertencimento, a solidariedade, a participação social e política da comunidade, e, as questões socioambientais que emergem desse lugar.

Nesse processo de pesquisa assumimos nosso posicionamento de considerar e praticar a “educação ambiental como educação política” (REIGOTA, 1999, p. 13), que possibilita a participação comunitária, ao contribuir com a formação de

cidadãos e cidadãs que estejam comprometidos com a justiça social, econômica, política e cultural. Portanto, considera-se “como questões ecológicas não só o meio ambiente, mas também as relações sociais e a subjetividade” (REIGOTA, 1999, p.12).

A educação ambiental como educação política está comprometida com a ampliação da cidadania, da liberdade, da autonomia e da intervenção direta dos cidadãos e das cidadãs na busca de soluções e alternativas que permitam a convivência digna e voltada para o bem comum (REIGOTA, 2012, p.13).

A educação como prática da liberdade representa um ato de resistência contemporânea, ao buscar ressignificar as práticas educativas por meio do diálogo, da autonomia e da emancipação dos sujeitos, respeitando e valorizando os seus saberes cotidianos e as suas leituras de mundos (FREIRE, 1989).

### **MEMÓRIAS DE UMA COMUNIDADE QUE BUSCA (RE) EXISTIR**

Durante uma roda de conversa e encontro de saberes, m dos moradores relatou que considera muito importante a história do surgimento deste assentamento, que segundo o idoso deveria ficar registrada para que as próximas gerações pudessem ter contato e se sentirem pertencentes, porque a origem deles tem conexão com o Movimento Sem Terra (MST).

Ao perguntá-lo como era residir em um acampamento, o referido senhor assim narrou:

Menina! Morar no acampamento, não é pra qualquer um não, eu já morei em muitos lugares, às vezes, faltava comida, mas, o difícil mesmo era conversar com o governo, que não fazia a reforma agrária, não investia no pequeno produtor e ainda mandava a polícia bater na gente. Eles chegavam destruindo o acampamento e se você achasse ruim, era preso. Você era obrigado a fugir do acampamento. A polícia judiava de todo mundo, criança, mulher e dos velhos. Mas, nessa época, a gente era unido, tudo era dividido, qualquer probleminha, a gente se reunia para resolver (MORADOR, 70 ANOS).

Já um grupo de assentados estacou em sua narrativa como sendo uma conquista política para essa comunidade, à eleição da atual diretoria que passou a compor a Associação de Moradores. Por ser uma gestão com perfil mais democrático, os moradores se sentem mais motivados a participarem dos encontros.

Os assentados destacaram como positivo a fase de regularização da documentação e a forte representatividade feminina na associação de moradores, a parceria com o Incaper (Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural) que tem ofertado cursos de formação para os pequenos produtores rurais e desenvolvido projetos na área da agricultura familiar orgânica. Outra conquista para a comunidade, refere-se à participação deles no Conselho Municipal de Agricultura.

Com as narrativas das mulheres ão enfatizadas a qualidade de vida na zona rural, com água, ar, matas e alimentos que influenciam na saúde. Suas narrativas enfatizam o potencial político e familiar da agricultura familiar, ao envolver os familiares no campo, ficando mais próximas dos filhos, sem precisarem se deslocar para as cidades em busca de emprego.

Além disso, uma das crianças após participar da oficina de tinta a base de terra, pintou a cozinha e a varanda de sua residência, com a ajuda da prima, utilizando a técnica ensinada. Ao perguntar sobre o que a fez tomar essa iniciativa, ele narrou: “eu queria divulgar para as pessoas um pouco do que eu aprendi no projeto, para elas fazerem em casa” (EDUCANDO, 10 ANOS).

Um adolescente que participou dessa mesma oficina vivenciou outra experiência, tinta de terra e a de fabricação de papel reciclado, confeccionando tanto o papel reciclado, como também a tinta de terra para realizar a pintura dos seus desenhos que tanto gosta. Na ocasião, ele levou os desenhos para a escola e presenteou algumas professoras. “Eu gosto de colocar em prática o que acho importante” (EDUCANDO, 13 ANOS).

Nessa comunidade, é possível percebermos, nas práticas cotidianas, comunitárias e nas narrativas de alguns assentados, a presença de práticas ecológicas como por exemplo, horta comunitária, jardins, captação da água da chuva, aquecedor solar e desidratador de alimentos confeccionados com materiais reaproveitados.

Através da convivência com os moradores dessa comunidade e em diálogo com o pensamento freireano, observamos que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens [e as mulheres] educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2017, p. 96). Portanto, compreendemos que uma educação libertadora não dialoga com práticas dominadoras, colonizadas e bancária de ensino-aprendizagem.

Neste contexto, dialogamos também com Reigota (2012) a importância de pensar a educação ambiental estando associada ao conceito de cidadania, que considere as inúmeras situações que envolvem a complexidade das relações

humanas e ambientais, associando-a a conjuntura sócio-histórica vigente (REIGOTA, 2012).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desses encontros de saberes encontramos pistas que evidenciam as práticas pedagógicas e de resistência e, as alternativas ecológicas que potencializam o diálogo entre os saberes e fazeres presentes nessa comunidade, que sobrevive das potencialidades naturais locais.

Através dos diálogos e das conversas tecidas e narradas com os sujeitos da história (FREIRE, 2014) e da pesquisa, buscamos registrar e problematizar na atitude de pesquisadora conversadora (SPINK, 2003), com os movimentos metodológicos das pesquisas narrativas (REIGOTA; RIBEIRO; POSSAS, 2003) e das pesquisas com os cotidianos (ALVES, 2003), as leituras de mundos (FREIRE, 1989), dos moradores e das famílias que vivem num assentamento rural.

Ao conhecermos e problematizarmos “as contribuições políticas, pedagógicas e ecológicas dos que vem das margens” (REIGOTA, 2010), os oprimidos (FREIRE, 2017), reconhecemos o quanto essas práticas cotidianas de resistência na comunidade, assim como, os saberes socioambientais locais, são fundamentais para pensarmos e praticarmos a educação como prática da liberdade entre os assentados.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Sobre o movimento das pesquisas nos, dos, com os cotidianos. **Teias**. Rio de Janeiro, RJ. Ano 4, nº 7-8, jan/dez 2003.

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L de. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 52-75.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 150p.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.157p.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Catarina. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999. 211p.

\_\_\_\_\_. **O que é educação ambiental**. Coleção Primeiros Passos, nº 292. São Paulo: Brasiliense, 2012.

\_\_\_\_\_. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias**. Rio de Janeiro: ano 11, nº 21, jan/abr 2010. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/download/24105/17083>. Acesso em: 11/04/2019.

REIGOTA, M.; RIBEIRO, A.; POSSAS, R. **Trajetórias e narrativas através da educação ambiental**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 155p.

SPINK, Peter Kevin. **O pesquisador conversador no cotidiano**. Psicologia & Sociedade. Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, n. 20, Edição Especial. p. 70-77, 2008.